

ELEMENTOS DE RELIGIOSIDADE NA EXPOSIÇÃO DO MEMORIAL HCI A LEPRA E O DISCURSO DA CARIDADE CRISTÃ

Submetido em 30/09/2020

Aceito em 13/11/2020

Helena Thomassim Medeiros¹
Juliane Conceição Primon Serres (UFPel)²
Diego Lemos Ribeiro (UFPel)³

RESUMO: A hanseníase, doença conhecida anteriormente como lepra, é uma enfermidade vinculada à uma história de segregação, que, ainda hoje, engendra um forte estigma social. Durante séculos foi vista como espécie de “maldição”, relacionada à ideia de pecado e historicamente orientada por preceitos religiosos. Este artigo enseja traçar uma breve contextualização histórica da enfermidade e analisar como os elementos vinculados à religiosidade – especialmente a cristã –, são inseridos na exposição do Memorial do Hospital Colônia Itapuã. O estudo da instituição, de um prisma expográfico articulando a análise das coleções e do discurso, torna-se relevante na medida em que este espaço de memória destina-se a transmitir a trajetória deste hospital, criado em 1940, com a finalidade de ser um Leprosário.

PALAVRAS-CHAVE: Análise expográfica. Religiosidade Cristã. Leprosário. Hospital Colônia Itapuã. Memorial do Hospital Colônia Itapuã.

RELIGIOUS ELEMENTS IN THE MEMORIAL HCI'S EXHIBITION: LEPROSY AND THE DISCOURSE OF CHRISTIAN CHARITY

ABSTRACT: Hansen's disease, a disease previously known as leprosy, is an illness linked to a history of segregation, which, even today, generates a strong social stigma. For centuries it was seen as a kind of “curse”, related to the idea of sin and historically formed by religious precepts. This article aims to outline a brief historical review to contextualize the disease and to analyze how the elements linked to religiosity - especially Christianity - are inserted in the exhibition at the Memorial of Hospital Colônia Itapuã. The study of the institution, from an expographic point of view, articulating the analysis of collections and discourse, becomes relevant as this memory space is intended to transmit the trajectory of this hospital, created in 1940, with the purpose of being a Leprosarium.

KEYWORDS: Expographic analysis. Christian religiosity. Leprosarium. Hospital Colônia Itapuã. Memorial of Hospital Colônia Itapuã.

¹ Museóloga, Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). (51) 99204-6895. Email: helena_tm@outlook.com

² Historiadora, Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e professora Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). (51) 99914-1992. Email: julianeserres@gmail.com

³ Museólogo, Doutor em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo (USP) e professor do Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). (53) 99155-5039. Email: dlrmuseologo@yahoo.com.br

ELEMENTOS DE RELIGIOSIDADE NA EXPOSIÇÃO DO MEMORIAL HCI A LEPROSA E O DISCURSO DA CARIDADE CRISTÃ

1 INTRODUÇÃO

O Hospital Colônia Itapuã (HCI) é o único leprosário construído no Rio Grande do Sul. Inaugurada em 1940, a instituição consubstancia uma série de políticas públicas desdobradas durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), com vistas a combater a hanseníase. Entre as medidas de prevenção adotadas estava o isolamento compulsório das pessoas diagnosticadas com a doença.

A lepra⁴, como era chamada, passou a ser percebida como doença no século XIX; do prisma religioso, contudo, passou séculos associada ao pecado. Não à toa, os cuidados com os pacientes eram atribuídos a ordens religiosas.

O presente artigo traduz um recorte temático realizado em uma dissertação⁵ de mestrado, e enseja analisar a relação entre religião e lepra, tendo como pano de fundo a análise expográfica de elementos de religiosidade na exposição do Memorial do Hospital Colônia Itapuã (Memorial HCI). O espaço expositivo em questão, vinculado ao HCI, iniciou suas atividades em 2014, fruto da iniciativa de dois funcionários estaduais: Marco Antônio Lucaora e Rita Sosnoski Camello. Os servidores, à época da pesquisa, eram, respectivamente, coordenador do acervo dos hospitais estaduais do Rio Grande do Sul e coordenadora do patrimônio e do acervo do HCI.

O objetivo do Memorial HCI é preservar a memória deste Hospital. O espaço de memória em questão possui um extenso acervo, com cerca de 3.000 (três mil) itens. Durante as visitas podemos perceber que ele é composto por: roupas, moedas, móveis, fotos, troféus, medalhas, instrumentos agrícolas, máquinas, réplicas de documentos e jornais, utensílios médicos, bibelôs, maquete do local, obras de arte, artesanato indígena, itens de arte sacra, objetos cenográficos, entre outros.

O local escolhido para abrigar e expor esta coleção foi uma casa com dois andares e um sótão. Prédio construído originalmente para ser a morada das Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã, que eram responsáveis pelo cuidado com os pacientes hansenianos.

Tendo como condutor o trabalho desenvolvido nesta instituição, percebe-se que a relação entre a lepra e a Igreja Católica se entrelaçam no decorrer da história, e deixa marcas indeléveis no espaço

⁴ Ao longo deste artigo utilizamos diversas vezes o termo “lepra” e “leproso”, não sendo essa a nomenclatura correta. Entretanto o objetivo de utilizá-la serve nos momentos nos quais abordamos a doença hanseníase dentro de um contexto histórico – anterior a alteração do termo – ou associados ao imaginário desta doença.

⁵ Mais informações em: MEDEIROS, Helena Thomassim. *O que sobrou de nós: As escolhas expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã – RS*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. 474p.

expositivo em questão. Por intermédio da análise de objetos e textos selecionados para representar essa ligação, passamos, doravante neste artigo, a questionar como o passado é representado e problematizado no presente, no escopo do Memorial.

2 RELAÇÃO ENTRE LEPRA, IGREJA E HCI

O que motivou a criação do HCI foi a doença outrora conhecida como lepra, que teve seu nome alterado para hanseníase, em 1995, com a finalidade de mitigar o estigma e o medo vinculados à enfermidade – fato este legitimado pela Lei nº 9.010/95 (BRASIL, 1995).

As palavras como “lazarento”, “leproso” ou “morfético” são, todavia, expressões pejorativas comuns no nosso cotidiano. Percebe-se que há, ainda hoje, os efeitos de um estigma que pode ser traduzido pelo uso destes termos, cuja origem e significado aludem à hanseníase.

Podemos conjecturar que a preservação e a identificação popular com lugares destinados a segregação de pessoas atingidas pela hanseníase – ou a falta desta relação – vincula-se também ao estigma da lepra. Compreendemos que este, por sua vez, associasse ao fato de a doença ocasionar deformidades físicas quando não tratada, sendo presente na história das sociedades humanas. Segundo Goffman:

Os gregos, [...] criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. (GOFFMAN, 1988, p. 5)

Estas deformidades ocorrem porque a doença compromete os nervos, levando à diminuição ou perda de sensibilidade das extremidades do corpo, ocasionando feridas constantes que, sem tratamento, levam a perda dos membros. A paralisia facial, desabamento nasal e cegueira também são consequências, que, além de comprometer a fala, desfiguram os enfermos. Hoje, estes comprometimentos não ocorrem com tanta frequência, pois a doença possui tratamento ambulatorial de acesso simples, este impede a progressão das sequelas e a contaminação de outras pessoas. Sendo uma doença infectocontagiosa, de fácil transmissão, o contágio se dá através do contato direto e por via respiratória⁶, poderíamos considerar que este aspecto também pode ter corroborado com o medo em relação a ela.

A deformidade dos enfermos deve ter sido uma das primeiras causas de medo e exclusão destas pessoas do convívio social. Contudo, no decorrer da história, novos preconceitos e temores foram

⁶ Mais informações em: SOUZA, Luís Roberto. *Condicionantes sociais na delimitação de espaços endêmicos de hanseníase*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências. São Paulo, 2012, 327 p.

agregados a doença. Um dos aspectos mais antigos ao qual as pessoas associam a lepra refere-se à Bíblia, onde ela é vinculada à impureza e ao pecado, considerando que:

Encontra-se, nos capítulos 13 e 14 do Levítico, o termo hebreu tsaraath ou saraath para designar afecções impuras. Estes termos foram traduzidos como lepra em vários idiomas, sem que se possa afirmar com certeza o seu significado original. Em hebraico, significavam uma condição de pele dos indivíduos ou de suas roupas que necessitava purificação. (EIDT, 2004, p. 78)

A mesma nomenclatura seria utilizada para denominar diversas doenças de pele, entre elas lúpus e vitiligo. Este aspecto, associado a falta de conhecimento em relação a enfermidade, pode ter sido responsável por diagnósticos errados e por supostas curas.

De acordo com Eidt (2004) a proliferação da hanseníase pela Europa teria ocorrido durante as guerras no período romano. No decorrer da Idade Média a Igreja Católica passou a ser responsável pelo cuidado com os doentes, considerando que:

A Igreja manteve, desde os primeiros séculos, especial “atenção” aos doentes. Em 314 d.C., uma reunião do Concílio regional de Ancyra declara os “leprosos” impuros de corpo e alma. Já em 325 o primeiro concílio ecumênico de Nicéia toma medidas para limitar a prática de castração entre os “leprosos”, revelando um procedimento brutal até então adotado para a contenção da “lepra”. Na mesma reunião, estabelece que toda cidade devia construir um hospital para abrigar peregrinos e viajantes necessitados, os xenodócios, embriões dos futuros Leprosários. (SAVASSI, 2010, p. 31-32).

Na Idade Média o leproso era considerado morto para a sociedade, sendo realizada, em alguns locais, uma cerimônia religiosa semelhante a um funeral, na qual ele era conduzido para longe de sua comunidade. Os bens do doente eram confiscados pela Igreja e ele era condenado a vagar sozinho, utilizando um sino que avisaria sobre sua proximidade e um cajado para que se mantivesse à distância. Jacques Le Goff (2005) comenta que:

[...] a doença e a deficiência física eram tidas por sinais exteriores do pecado, os que delas sofressem eram malditos para Deus, e, assim, malditos para os homens. A Igreja acolhia provisoriamente alguns e alimentava esporadicamente outros - nos dias de festa. Os demais tinham como único recurso a mendicância e a errância. (LE GOFF, 2005, p.322)

Vânia Carvalho Santos (2006), aponta que, com a grande incidência da doença tornava-se necessário hospedar os enfermos fazendo com que surgissem “[...] a partir do século XII, as primeiras ordens religiosas dedicadas a prestar cuidados aos portadores de hanseníase. Criaram-se os leprosários com a função de asilar os excluídos da sociedade, sob o controle da Igreja.” (SANTOS, 2006, p. 12) Com a criação dos primeiros leprosários, reforça-se também a relação de dualidade entre o medo e a piedade. Sobre este assunto, Savassi (2010) aponta que:

O “leproso” é o “pobre de Cristo” por excelência e cuidar de suas feridas é um ato digno. Mas também é a prova corporal do pecado: a corrupção da carne manifesta a da alma. Por isso o seu confinamento também é uma maneira de condená-lo por seus supostos erros, ou pelos pecados que todos cometeram e que só eles vão expiar. (SAVASSI, 2010, p. 36)

O bacilo da hanseníase foi descoberto em 1873 pelo médico norueguês Gerhard Henrick Armauer Hansen (1841-1912), denominado *mycobacterium leprae* ou bacilo de Hansen. Com esta descoberta a lepra deixou de ser vista como um castigo divino e passou a ser encarada como uma doença.

Começaram a ser realizadas conferências para discutir quais procedimentos deveriam ser adotados em relação as pessoas atingidas pela enfermidade. Contudo, pouco se sabia sobre sua transmissão. Serres comenta que: “As dúvidas que rondavam os decanos científicos, entre a população, tornavam-se a certeza de que a Lepra era um terrível mal, uma punição divina.” (SERRES, 2004, p.38).

Durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) foram construídos cerca de 30 (trinta) hospitais-colônia no Brasil, com a finalidade de isolar pessoas contaminadas pela hanseníase. O HCI foi um dos últimos a ser construído no País. Uma das questões que influenciou sua criação foi a existência de uma sociedade beneficente na cidade de Santa Cruz do Sul, que, em 1924, deu origem à Sociedade Beneficente Leprosário Riograndense.

Segundo Proença (2005), a Sociedade Beneficente Leprosário Riograndense destinou os cuidados com os pacientes hansenianos às Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã em 1925. A dedicação por parte da congregação religiosa a esta enfermidade remetia-se a figura de São Francisco de Assis e seu trabalho com os leprosos.

No ano de 1940 foi inaugurado o Hospital Colônia Itapuã. Proença (2005) aponta que com sua criação as Irmãs passaram a coordenar o local, sendo subordinadas ao Diretor Chefe que era o médico geral da instituição.

A estrutura física do HCI foi organizada na forma de uma pequena cidade, com pavilhões onde os doentes solteiros moravam; aos casais eram oferecidas casas geminadas. Havia praça, local para futebol, duas igrejas católicas (uma frequentada pelos pacientes e outra pelos funcionários), uma igreja evangélica, padaria, fábrica de sabão, lavanderia, um pavilhão de diversões com cinema, entre outras coisas. O Hospital era dividido em zona sadia, intermediária e suja, segundo Serres (2004):

Na “zona sadia” havia uma residência para o médico diretor, uma para o administrador, casas geminadas para os funcionários, uma usina geradora de eletricidade, garagem e moradia para motorista. Na “zona intermediária” encontravam-se os prédios da administração, da padaria, a casa das Irmãs, o pavilhão de observações e a futura casa do capelão. Na “zona suja” ficavam os 14 pavilhões “Carville”, as 11 casas geminadas, cozinha, refeitório, hospital com ambulatórios, enfermarias (mulheres e homens), lavanderia, capela, forno de incineração, necrotério, oficinas, cemitério. À entrada da

“zona suja” ficariam o *parlatório* e o expurgo. O Hospital ainda contaria com uma área rural. (SERRES, 2004, p. 124)

O acesso às três zonas era controlado. Na zona sadia era proibida a entrada de pacientes; a intermediária era restrita ao pessoal autorizado; e a suja onde “[...] também entravam alguns funcionários autorizados e as irmãs” (PROENÇA, 2005, p.71).

O Hospital era coordenado pelas Irmãs. Sobre este aspecto, Proença comenta que: “A posição das Irmãs era extremamente ambígua pois, de um lado, estavam inseridas em um projeto político do Estado e religioso da Igreja, por outro, acreditavam na sua missão de regeneração e salvação daquelas almas diante de Deus.” (PROENÇA, 2005, p. 83). A partir disso, podemos compreender a existência de conflitos religiosos e de uma “autonomia vigiada”, seguindo as freiras que representavam esta imagem de controle.

As Irmãs intermediavam a relação com os pacientes, pois “[...] o contato entre sadios e doentes era evitado ao máximo possível. [...] padre encontrava “seu rebanho” em casamentos e extremaunção, os médicos, somente quando solicitados em casos de urgência, como problemas cardíacos, partos...” (QUEVEDO, 2005, p.116).

Os filhos sadios dos pacientes que nasciam no Hospital eram encaminhados para a instituição Amparo Santa Cruz em Porto Alegre. Entretanto, havia crianças contaminadas pela hanseníase no local. Com o internamento de três Irmãs e um Frei, que não necessariamente adquiriram a doença no HCI e moravam junto aos pacientes, os religiosos tornaram-se também responsáveis pela educação dos mais novos. O regime educacional funcionava da seguinte forma:

[...] meninos e meninas eram separados em pavilhões distintos, onde alojamento e escola funcionavam juntos. As meninas eram classificadas como “*Grupo de Sta. Inês*” e permaneciam sob os cuidados de Irmã Perpétua. Já os meninos eram o “*Grupo São Luiz*” que, no primeiro momento foram cuidados e ensinados por um paciente que era professor. Depois, quem assumiu a responsabilidade foi o Frei Floriano, que assim como Irmã Perpétua, também era hanseniano. (PROENÇA, 2005, p. 106)

Percebe-se, então, que a relação entre religiosos católicos com os doentes ultrapassava a ideia de cuidadores, tornando-se formadores e educadores das gerações que cresciam dentro da realidade do HCI.

Com a descoberta, ainda na década de 1940, de medicamentos eficazes no combate à hanseníase, o tratamento passou ser difundido. Não à toa, segundo Santos: “O isolamento foi considerado extinto no Brasil em 1962 com a aprovação do decreto nº 968, de 7 de maio, embora alguns estados, como São Paulo, continuassem a manter as colônias em funcionamento.” (SANTOS, 2006, p. 15).

Decorrente deste processo de esvaziamento da instituição, em 1972, começaram a ser transferidos pacientes do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Hoje com aspecto asilar, a instituição abriga pacientes ex-

hansenianos e psiquiátricos. As Irmãs Franciscanas permaneceram na instituição até 1995; contudo, até o presente, esta relação entre Igreja e lepra deixa suas marcas. Sobre o tema, Proença (2005) comenta que:

A Igreja desde seus primórdios esteve envolvida na assistência, nas terapias e nos cuidados aos doentes. Mas também, na acusação moral e na segregação deles. A relação entre doença – doente – Igreja é bastante paradoxal. A historiografia observa que ao mesmo tempo que a Igreja atuava em prol dos doentes, condenava estes indivíduos, pregando que sua doença era proveniente de seus pecados, principalmente no tocante às doenças contagiosas. (PROENÇA, 2005, p. 59)

Percebemos, então, essa dualidade entre ajudar e excluir como um elemento com grande potencial para motivar reflexões sobre esta história, ainda mais ao ser abordado dentro de uma exposição sobre as memórias de pessoas que viveram em um antigo Leprosário.

Considerando que o HCI foi, durante muitos anos, coordenado pelas Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã e que a hanseníase é uma doença cujos cuidados vêm sendo mantidos pela Igreja Católica desde a Idade Média, é, de certa forma, “natural” que encontremos elementos desta religião no Hospital. Todavia, o Memorial é um espaço para todos e que visa mostrar a vida de todos. Por este motivo, pareceu-nos interessante explorar como pequenos elementos vinculados ao catolicismo são expostos e transmitem um discurso sobre a caridade cristã.

3 ELEMENTOS DE RELIGIOSIDADE: O DISCURSO DA CARIDADE CRISTÃ NO MEMORIAL HCI

A percepção de que os objetos possuem significados intrínsecos e imutáveis parece ingênua, principalmente quando tratamos de uma exposição – visto que estes itens foram selecionados, ordenados, reorganizados e inscritos em um novo contexto, sob um novo regime de valor. Sendo assim, a seleção e exposição de peças estão a serviço da construção uma narrativa sobre o passado, mesmo que esta não esteja colocada de forma explícita. Meneses (1994) comenta que:

Estamos imersos num oceano de coisas materiais, indispensáveis para a nossa sobrevivência biológica, psíquica e social. A chamada "cultura material" participa decisivamente na produção e reprodução social. No entanto, disso temos consciência superficial e descontínua. Os artefatos, por exemplo, são não apenas produtos, mas vetores de relações sociais. (MENESES, 1994, p. 12)

Considerando que criamos relações simbólicas através das materialidades e que neste texto buscamos analisar representações realizadas pelo Memorial HCI por meio destas, talvez o primeiro aspecto que devemos nos questionar seria: onde está localizado este espaço de memória e o que esta informação pode nos dizer?

Chagas (2002) comenta que: “Não é fruto do acaso o fato de muitos museus estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma serventia diretamente ligada a estâncias que se identificam e se nomeiam como sedes de poder ou residência de indivíduos “poderosos”.” (CHAGAS, 2002, p. 64).

O Memorial HCI se localiza na antiga casa das Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã que coordenavam o HCI enquanto Leprosário, ditando formas de comportamento e até mesmo crenças. Nesta conjuntura, elas representavam o poder. Podemos conjecturar que este prédio, próximo ao pórtico de entrada da área suja, seria também um local privilegiado para vigiar a conduta dos pacientes.

Ao considerarmos que o edifício em questão foi reformado para abrigar o Memorial, nos questionamos: por que não reformar uma antiga casa ou um pavilhão onde moraram, de fato, os pacientes do HCI?

Devemos considerar também que a ideia de utilizar a Casa das Irmãs não começou com a iniciativa do Memorial, pois antes disso o Centro de Documentação e Pesquisa (que funcionou na instituição entre 1999 e 2001) e alguns cursos de formação ocorriam neste prédio.

Este espaço de memória, assim como muitos outros, está construído em um local que separa o mundo “vulgar” e terreno, de um ambiente mais “elevado”, reforçando a ideia de um “templo” da cultura e do saber, ligado a instâncias de poder. Um exemplo que também indica a desigualdade na relação entre freiras e pacientes é comentado por Proença (2005), quando ela coloca que: “[...] quando ganhavam algum tipo de comida dos doentes, esta voltava para eles. Elas tomavam todo o cuidado para que este pequeno mecanismo de proteção não fosse revelado, o que traria muito desconforto em sua relação.” (PROENÇA, 2005, p. 87). Goffman comenta que:

Nas instituições totais, existe uma divisão básica entre um grande grupo controlado, que podemos denominar o grupo dos internados, e uma pequena equipe de supervisão. [...] Cada agrupamento tende a conceber o outro através de estereótipos limitados e hostis - a equipe dirigente muitas vezes vê os internados como amargos, reservados e não merecedores de confiança; os internados muitas vezes veem os dirigentes como condescendentes, arbitrários e mesquinhos. Os participantes da equipe dirigente tendem a sentir-se superiores e corretos; os internados tendem, pelo menos sob alguns aspectos, a sentir-se inferiores, fracos, censuráveis e culpados. (GOFFMAN, 1974, p. 18-19)

Tais aspectos apontados no levam a crer que esta relação complexa entre o acolhimento e a exclusão persiste com a escolha de utilizar a “Casa das Irmãs” como Memorial. Apesar de ser um prédio grande – possibilitando abrigar muitos itens e documentos – o local poderia ser alterado por outro ambiente, talvez, mais representativo para os que viveram no HCI como pacientes.

Por exemplo, um dos pavilhões, se fosse investido recurso, teria a vantagem de representar também o modo de vida dos pacientes do local. Outro prédio interessante seria o “Pavilhão de Diversões”, construído pelos próprios moradores e que, no momento da pesquisa, estava desocupado. Ele

representaria um elemento importante de sociabilidade nesta instituição e poderia trazer outros olhares sobre as vidas neste local. Aspectos que, nos parece, a “Casa das Irmãs” não possibilita, talvez por trazer essa “aura” distante da realidade – como ocorre com muitos museus –, legitimando, mesmo que inconscientemente, uma relação entre o passado e o poder, através da autoridade que as Irmãs representavam.

Logo que entramos no Memorial e passamos pela porta, nos deparamos com elementos de religiosidade cristã: São Lázaro e uma bíblia aberta.

Figura 01 – Imagem de São Lázaro e um Bíblia



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

O nome deste santo católico, Lázaro, aparece em dois momentos na Bíblia, a primeira vez no Evangelho de São Lucas 16:19-31 e a segunda no Evangelho de São João 11:28-44. No primeiro é um homem pobre, repleto de feridas que tentava comer as sobras de um rico, enquanto os cachorros lhe lambiam. No segundo, é um amigo de Jesus Cristo ressuscitado por ele após quatro dias de sua morte.

A correta atribuição do santo seria ao segundo Lázaro, que foi ressuscitado. Contudo, em diversas imagens, como neste caso, ele é retratado com machucados, este fato e a relação com a pobreza fizeram com que fosse considerado, a partir da Idade Média, o padroeiro dos leprosos e mendigos. O cachorro ao

seu lado é um símbolo de que ele não está só, a muleta é a fraqueza, as feridas representam a dor e o sofrimento, e a cor marrom de seu manto a humildade.⁷

Outro elemento de ligação com o cristianismo está no espaço “Memórias do Mundo”, em uma das reproduções de obras feitas em papel e emolduradas. A imagem em questão faz parte de um conjunto de 11 (onze) afrescos que ilustram o “Actus Silvestri”, sendo estes momentos da vida de Silvestre I, papa na época do Édito de Milão que:

[...] declarava que o Império Romano seria neutro em relação ao credo religioso, acabando oficialmente com toda perseguição sancionada oficialmente, especialmente ao Cristianismo. A aplicação do Edito fez devolver os lugares de culto e as propriedades que tinham sido confiscadas dos cristãos e vendidas em praça pública. O Edito deu ao Cristianismo (e a todas as outras religiões) o estatuto de legitimidade, comparável com o paganismo e, com efeito, desestabeleceu o paganismo como a religião oficial do Império Romano e dos seus exércitos. (CARLAN, 2009, p.28)

A obra original está localizada no Oratório de São Silvestre, na Basílica do Santi Quattro Coronati, em Roma. A figura refere-se a visita de São Pedro e São Paulo ao Imperador Constantino I que, supostamente, padecia de lepra. Após ser curado, ele teria se convertido ao cristianismo, ocasionando no fim da perseguição aos cristãos. Este detalhe na exposição revela um aspecto da história da hanseníase ligada à Igreja, transmitindo a visão do portador da doença enquanto um pecador que deve se redimir sobre arrependimento para alcançar a cura.

Figura 02 - Reprodução de Imagem no Espaço “Memórias do Mundo”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

⁷ Mais informações em: CRUZTERRASANTA. Santos e Ícones Católicos: *São Lázaro*. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-lazaro/150/102/#c>>. Acesso em: 10 de jan. de 2019.

Outro elemento interessante se encontra na escada que leva ao segundo andar da exposição. É a figura de um grupo de “leprosos” cujo corpo está coberto por panos em meio à escuridão – apresentados com o imaginário da Idade Média –, para quem um anjo, envolto em luz acima deles, estende a mão. Esta obra teria sido feita pelo senhor Marco, após conversas com a senhora Rita e visitas ao Hospital. Percebemos que estes objetos-cenográficos trazem uma grande carga de subjetividade e, podem demonstrar algumas perspectivas dos organizadores deste espaço de memória.

Figura 03 - Quadro do anjo e dos leprosos



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

A fala dos organizadores menciona que o espaço “Memórias do Mundo” seria o responsável por apresentar a visão do leproso com o imaginário medieval e mesmo religioso: “Ficou muito claro para nós [...] essa sala é o passado e daqui em diante, na segunda sala, que começa em 1873, a era científica, deixa de ser [...]” (LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Entretanto, vemos que o quadro mencionado, do anjo com os leprosos, está localizado em outro ambiente. Sendo assim, seria possível interpretar tal item como algo que reflete a personificação dos organizadores no Memorial – compreendo que trata-se de uma obra feita por um deles, refletindo o que sentiu em relação a história que envolve o HCI –, ou como um elemento que traz novamente a religião como um “protagonista” na salvação das pessoas.

Sob esta perspectiva é interessante compreender a influência dos dois organizadores do Memorial, sendo eles o senhor Marco que é também artista plástico, e a enfermeira Rita, que tem um grande interesse e conhecimento na área da hansenologia. Observamos que “[...] a instituição museal pode assumir diferentes formas, que representam a visão de mundo dos diferentes grupos sociais, no tempo e no espaço – aquilo que seus criadores concebem como ‘o real’” (SCHEINER, 2013, p. 363). O que corrobora com a ideia de analisar a narrativa construída levando em consideração que o que este espaço de memória apresenta são objetos que representam uma história a partir de um determinado recorte.

No segundo andar do Memorial há um pequeno espaço expositivo: “Voluntários do Carinho”. Segundo a mediação, este nicho é dedicado a um grupo de voluntários que atuou no HCI durante 12 (doze) anos. Porém, mesmo em seus textos não há muitas informações sobre o trabalho desenvolvido.

Figura 04 - Espaço “Voluntários do Carinho”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Este ambiente expositivo quase passa despercebido, pois fica localizado em um pequeno espaço de parede no corredor entre as duas portas que dão entrada as salas que abordam os pacientes psiquiátricos. Contudo, não sabemos precisar se o trabalho destes voluntários tinha alguma relação com este setor do Hospital. O interessante é o seu texto “Voluntários do Carinho” apresenta a “Oração de São Francisco de Assis”, trecho que diz o seguinte:

Conforme as palavras de São Francisco de Assis:

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor;
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
Onde houver discórdia, que eu leve a união;
Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
Onde houver erro, que eu leve a verdade;
Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, Fazei que eu procure mais Consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
e é morrendo que se vive para a vida eterna. (MEMORIAL HCI, [2018?])

A presença de uma oração dentro da exposição é um elemento muito forte de religiosidade e, mais uma vez, vinculada ao catolicismo. São Francisco de Assis⁸ seria o filho de um rico comerciante que dedicando-se a ajudar os necessitados e vivendo de forma simples teria auxiliado no cuidado com os leprosos. Este texto refere-se à abnegação à serviço do próximo, podemos perceber como uma referência ao trabalho dos voluntários mas também ao das Irmãs Franciscanas que cuidavam do Leprosário. Sendo assim, um exemplo do discurso da caridade cristã em cuidar dos excluídos de nossa sociedade.

Na sala “Religiosidade” percebemos muitos objetos ligados a esta temática. Estes são, geralmente, estátuas de santos em diversos tamanhos espalhadas pela sala, há também um altar com mais imagens, quadros com figuras religiosas, crucifixos, entre outros.

Em meio a uma sobrecarga de objetos, cuja maioria se referem a religião católica, percebemos dois *menorá* (candelabro com sete braços que é descrito no Livro Êxodo 25:31-40 relacionado ao judaísmo) e bancos da antiga Igreja Luterana. Em comparação entre visitas realizadas em 2015 e 2017, foram acrescentadas novas peças, entre elas esculturas que representam a Via Sacra, expostas nas paredes, itens comumente visto em igrejas católicas.

⁸ Mais informações em: CRUZTERRASANTA. Santos e Ícones Católicos: *São Francisco de Assis*. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-francisco-de-assis/139/102/#c>>. Acesso em: 10 de jan. de 2019.

Figura 05 - Espaço “Religiosidade” em 2015



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 06 - Espaço “Religiosidade” em 2017



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 07 - Espaço “Religiosidade” em 2017



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Há neste espaço alguns textos, entre eles o “As Irmãs Franciscanas”, que é interessante de se analisar, pois traz a informação de que o Leprosário Itapuã era coordenado pelas Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã em diferentes esferas:

Figura 08 – Trecho do texto “As Irmãs Franciscanas”

Desta forma setores como enfermaria, farmácia, padaria, cozinha, lavanderia, fábrica de sabão e outros, eram dirigidos por estas religiosas. Também eram responsáveis pelo apoio dos serviços religiosos: limpeza, ornamentação da igreja, missas, casamentos e enterros.

Os pacientes foram gradativamente construindo laços de confiança e amizade com estas “trabalhadoras” a ponto destas sugerirem namoros e casamentos entre os pacientes.

Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Quanto ao cuidado com os pacientes, percebemos que o contato entre os eles e os médicos praticamente não acontecia, sendo esta relação mediada pelas Irmãs, fato que também aumentava a autoridade destas dentro do Hospital, pois:

Sendo as Irmãs Franciscanas as enfermeiras da instituição, cabia a elas o cuidado básico e específico de cada paciente internado. O contato diário com os doentes era de responsabilidade delas. Aos médicos cabia o diagnóstico das doenças, a realização das consultas prévias, das cirurgias prescritas e as visitas rápidas. Entretanto, o cuidado diário, o curativo a fazer, o remédio a tomar, a explicação simples do que se tratava sua doença era dever das Irmãs: elas eram as responsáveis pela enfermaria do Hospital Colônia Itapuã. Logo, a sua legitimidade não advinha apenas da religião, mas da intermediação entre médicos e pacientes e dos cuidados clínicos realizados. (PROENÇA, 2005, p. 121)

Figura 09 - Foto das Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Sobre o papel das Irmãs, apontado no texto expositivo, enquanto “amigas” que sugeriam namoros e casamentos entre os pacientes do Leprosário, devemos lembrar que:

[...] o estímulo dado ao casamento na instituição, pelas Irmãs e pela direção, implicava em aspectos como moralidade e disciplina. Não havia tolerância de namoros muito longos e, muito menos, que envolvesse algum contato físico. Para isso não ocorrer, o casamento legitimado foi à forma encontrada de moralizar as relações pessoais, além de institucionalizar os costumes que tinham antes de contrair doença. (PROENÇA, 2005, p.118)

Sendo assim, esta liberdade também era um mecanismo de controle sobre estas pessoas. O trabalho de evangelização era uma constante dentro do Leprosário, mesmo considerando, por exemplo, a forte presença luterana no local, ainda havia imposições. Segundo Proença:

[...] a construção da Igreja Protestante não modificou a prática da negação de outras religiões. O repúdio das Irmãs era expresso através da negação de concessões e direitos aos doentes de outros credos. Segundo o depoimento de um paciente protestante, já falecida, Dona Carolina: as Irmãs de tudo faziam para a conversão dos pacientes, seja um doente protestante ou de outra religião. Ela relatou que para se casar teve que se batizar na Igreja Católica – junto com o noivo, também luterano – pois as Irmãs não permitiam nenhum casamento na Colônia que não fosse realizado na sua Igreja [...] (PROENÇA, 2005, p.98)

Certamente a história da hanseníase se confunde com o catolicismo e com a imagem criada de um leproso pecador que busca sua cura e redenção na fé. Considerando que: “[...] os museus são lugares da memorização, tanto quanto do esquecimento; são orientados para a consagração, valorização e preservação da herança patrimonial, mas também evidenciam preconceitos e dogmas [...]” (BRUNO, 2006, p. 121). Um Memorial criado envolto neste contexto e estabelecido na Casa das Irmãs acaba legitimando, em alguns pontos, essa relação de poder. Talvez o cuidado que este espaço de memória poderia ter a respeito deste discurso de caridade cristã seja mais relacionado aos objetos e aspectos visuais que podem ser interpretados de muitas formas pelos visitantes e, quiçá, legitimar a ideia do pobre lázaro que necessita de proteção mesmo que esta seja através do controle de sua vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Organizar um espaço expositivo não é uma tarefa simples, ela deve prever o trabalho e a interação com diferentes áreas do conhecimento a fim de transmitir uma mensagem clara. A expografia desenvolvida pelo Memorial HCI é um exemplo riquíssimo no qual cabem diversas interpretações. As observações e comentários aqui realizados são apenas um dos inúmeros aspectos que podem ser observados.

O papel que a Igreja Católica exerceu no cuidado com as pessoas contaminadas pela hanseníase é importante e deixa suas marcas nas representações e no imaginário desta doença. O papel que as Irmãs

Franciscanas exerceram no HCI teve, como pode-se observar pelas pesquisas realizadas, aspectos dúbios entre o zelo e o controle através da imposição de suas crenças. Contudo, trata-se de uma ordem religiosa, sendo assim, tendenciosa. O interessante a se ressaltar aqui é como este passado ressoa nas escolhas expográficas do Memorial e pode interferir na percepção do visitante sobre a vida neste Hospital.

A busca pela imparcialidade, principalmente, dentro de espaços públicos é sempre algo recomendado, posto a diversidade de pessoas que deve englobar, porém nossa civilização é muito influenciada pela cultura judaico-cristã. Portanto, devemos levar em conta que a exposição é um reflexo dos seus criadores, sua trajetória, conhecimentos e crenças. Assim como esta pesquisa e textos também não são neutros, estando presentes a subjetividade dos autores e a forma com a qual estes observaram tal espaço expositivo.

O que se propõe aqui é um exercício indicado a todos, especialmente museólogos, de observar um ambiente expográfico e perceber nos elementos ali colocados algumas das conexões. Elas podem ser associadas com o local, a história, os organizadores, o público, relações de poder e mesmo com a trajetória pessoal do observador. Percebemos a partir disso que dentro do discurso expográfico, do qual nós também somos parte, há diversas camadas de subjetividades e histórias interessante aguardando para serem contadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 9.010, de 29 de março de 1995. Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 30 de março de 1995. Seção 1. p. 4509. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9010.htm>. Acesso em: 15 de set. de 2017

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. “Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória.” In: *As várias faces do Patrimônio*, por LEPA. Santa Maria: LEPA/UFMS, 2006. p.119-140.

CARLAN, Cláudio Umpierre. Constantino e as transformações do Império Romano no século IV. In: *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Campinas, São Paulo. n.11. 2009. p. 27-35. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2011%20-%20artigo%202.pdf>>. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

CHAGAS, Mário de. Memória e Poder: dois movimentos. In: *Cadernos de Sociomuseologia*. n.19, 2002. p.35–67.

EIDT, Letícia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. In: *Saúde e Sociedade*. v.13, n.2, 2004, p.76-88. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902004000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 30 abril de 2017.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução: LAMBERT, Mathias. Rio de Janeiro: LTC, 1988. 124 p.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Tradução de: Dante Moreira. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.,1974. 316p.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Tradução: José Rivair de Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2005, 399p.

LUCAORA, Marco Antônio. Entrevista 01: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: *Anais do Museu Paulista. São Paulo*. v.2.1994. p.09-42. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf>>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

PROENÇA, Fernanda Barrinuevo. *Os escolhidos de São Francisco: a aliança entre Estado e Igreja para a profilaxia da lepra na criação e no cotidiano do Hospital Colônia Itapuã – (1930-1940)*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, PUC-RS. Porto Alegre, 2005, 149 p.

QUEVEDO, Éverton Reis. “*Isolamento, isolamento e ainda isolamento*” o Hospital Colônia Itapuã e o Amparo Santa Cruz na profilaxia da lepra no Rio Grande do Sul (1930-1950). Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, área de Concentração: Estudos da História das Sociedades Ibero-Americanas, da PUC-RS, para obtenção do grau de Mestre em História. Porto Alegre, 2005, 189p.

SANTOS, Vânia Carvalho. *Percepções De Portadores De Hanseníase Sobre A Doença, Seu Tratamento E As Repercussões Em Seu Ambiente: Um Estudo no Município de Nossa Senhora do Socorro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Sergipe, 2006, 170 p

SAVASSI, Leonardo Cançado Monteiro. *Hanseníase: políticas públicas e qualidade de vida de pacientes e seus cuidadores*. Dissertação apresentada com vistas à obtenção do Título de Mestre em Ciências na área de concentração Saúde Coletiva. Belo Horizonte, 2010, 196 p.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museu, museologia e a ‘relação específica’: considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. In: *Revista Ciência da Informação*, v. 42, n. 3, set./dez., 2013. p.358-378.

SERRES, Juliane Conceição Primon. “*Não Caminhamos Sós*”: Hospital Colônia Itapuã e o Combate à Lepra no Rio Grande do Sul (1920-1950). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2004. 285 p.